

DISSIPANDO A NÉVOA DA GUERRA 2.0

Por Gabriel Camilli*



Atirador ucraniano dispara contra a linha russa (Maxim Dondyuk/The New Yorker).

Depois de dois anos de erros e pressupostos incorretos disseminados pela mídia ocidental, a continuação da guerra na Ucrânia pode levar à catástrofe – e não apenas na Ucrânia.

No segundo aniversário do reinício da guerra na Ucrânia, o otimismo que reinava nos meios de comunicação internacionais há apenas 12 meses evaporou-se em grande parte. O fracasso da contraofensiva ucraniana anunciada no outono passado, a queda de Avdeevka após meses de intensos combates e a incerteza sobre o apoio estrangeiro, devida em grande parte à estagnação do orçamento previsto para ela no Congresso dos Estados Unidos, contribuíram, também na comunicação social, para trazer à tona um certo pessimismo sobre uma vitória de Kiev que parecia iminente após as derrotas sofridas pelos russos nos campos de batalha durante 2022, quando o exército ucraniano alcançou vitórias importantes nas cidades de Kharkov e Kherson.

“O anúncio da retirada geral da Rússia em 9 de novembro de Kherson é mais uma confirmação de que Vladimir Putin está perdendo a guerra”, escreveu o Atlantic Council em 9 de novembro de 2022, fonte essencial para muitos meios de comunicação ocidentais, bem como as atualizações do campo de batalha fornecidas pelo Instituto para o Estudo da Guerra, o *think tank* com sede em Washington, D.C. fundado por Kimberly Kagan, esposa do estudioso Frederick W. Kagan, irmão do mais conhecido comentarista neoconservador Robert Kagan, marido de Victoria Nuland, subsecretária de Estado para Assuntos Políticos na administração Biden.

Em 30 de dezembro de 2022, o *Washington Post* notou que o líder russo Vladimir Putin, “não acostumado a perder, está cada vez mais isolado à medida que a guerra vacila”. Entretanto, abundam notícias e histórias na imprensa sobre um líder russo gravemente doente, se não fora de si, sobre uma Rússia que está prestes a ficar sem munições e sobre um exército em desordem forçado a “usar pás como armas”. Mídias de comunicação que, de fato, se tornaram involuntariamente vítimas da “guerra híbrida” entre a Rússia e a Ucrânia e das almôndegas envenenadas da inteligência militar.

SUJEITOS A ESTÓRIAS

Não há dúvida de que temos sido sujeitados a estórias como esta: “Muitas analogias imprecisas com a tentativa da Segunda Guerra Mundial pretendem transformar Vladimir Putin em Adolf Hitler e Volodymyr Zelensky em Winston Churchill e colocar o conflito em termos essencialistas e existenciais, onde toda a virtude é claramente encontrada de um lado e todo o mal do outro.” Nada poderia estar mais longe da verdade.

Outra estória: “A Rússia é um Estado criminoso que deve ser ‘levado à justiça’ de alguma forma, como se uma repetição da capitulação incondicional da Alemanha em 1945 fosse um cenário realista para a Rússia de hoje.” Não o será, pelo menos não sem antes travar uma Terceira Guerra Mundial contra a maior potência nuclear do planeta.

MUDANÇA DE NARRATIVA

Vale a pena começar dizendo que Moscou tem vivido grandes momentos de dificuldade desde 24 de fevereiro de 2022, subestimando um adversário altamente motivado para defender seu território, bem armado e treinado, enquanto o urso russo desta vez parecia (assim dizia a mídia, analistas sérios nunca pensaram desta forma) desajeitado, lento e incapaz de liderar uma guerra moderna eficaz. Contudo, o erro de alguns meios de comunicação ocidentais foi ceder às emoções e subestimar a capacidade de adaptação e resiliência da Rússia.

E assim, quase que de repente, nos deparamos com uma narrativa midiática que, em certo momento, teve que admitir que as coisas não estavam correndo como esperado. Tudo começou a vacilar com o fracasso da ofensiva ucraniana no outono passado, quando alguns importantes meios de comunicação tiveram que tomar conhecimento da situação no campo de batalha. “Pela primeira vez desde que Vladimir Putin invadiu a Ucrânia em fevereiro de 2022, parece que ele poderá vencer”, sublinhou o *The Economist* em 30 de novembro de 2023, explicando que “o ímpeto afeta o moral e se a Ucrânia se retirar, a dissidência em Kiev se tornará mais forte. O mesmo se aplica às vozes no Ocidente que argumentam que enviar dinheiro e armas para a Ucrânia é um desperdício”. Uma fissura em uma narrativa que até há poucas semanas parecia monolítica.

SACRO IMPÉRIO ROMANO

Também no dia 1º de novembro de 2023, a *The Economist* publicou uma entrevista com o então comandante-em-chefe das Forças Armadas da Ucrânia, Valery Zaluzhny, que explicou que a guerra tinha terminado num impasse “como durante a Primeira Guerra Mundial”. Declarações que efetivamente abriram uma crise entre Zaluzhny e o líder ucraniano, Volodymyr Zelensky, que culminou na substituição do general para dar lugar ao mais confiável Oleksandr Syrsky. No mesmo dia, a revista *Time*, a mesma que coroou Zelensky como “pessoa do ano em 2022” – tal como o *Financial Times*, também em 2022 – descreveu um líder ucraniano “traído pelos seus aliados ocidentais”, mas não muito lúcido, de acordo com declarações anônimas de seus colaboradores mais próximos. “Sua confiança na eventual vitória da Ucrânia sobre a Rússia preocupa alguns de seus conselheiros”, observou a *Time*. “Não temos mais opções, não estamos ganhando.” Uma mudança notável nos registros em comparação com alguns meses antes.

E assim chegamos a uma análise mais recente publicada na prestigiada *Foreign Affairs*, que aponta que “quanto mais durar esta guerra, mais a Rússia será capaz de aprender, adaptar-se e construir uma força de combate mais moderna e eficaz”. Lenta, mas seguramente, Mick Ryan escreve: “Moscou irá absorver novas ideias do campo de batalha e reorganizar suas táticas em conformidade. “Sua adaptação estratégica já ajudou a repelir a contraofensiva ucraniana e, nos últimos meses, ajudou as tropas russas a tomarem mais território de Kiev.” Em tom diferente e menos analítico, o *Telegraph* também avisou em 7 de dezembro de 2023: “Putin está perto da vitória. A Europa deveria estar aterrorizada. O tempo da Ucrânia está se esgotando. O perigo é que a UE acabe como o Sacro Império Romano.”

ERROS NA AVALIAÇÃO DE ARMAMENTOS

Entre os erros mais graves cometidos nestes dois anos de guerra pela imprensa ocidental está o de ter acreditado que um único armamento atribuído ao exército ucraniano – desde mísseis ATACMS de longo alcance até tanques Leopard – poderia de alguma forma ser um *game changer* (algo que pode “mudar o jogo”), capaz de modificar decisivamente o progresso da guerra. Uma ilusão que provou não ter fundamentos sólidos.

“Para a Ucrânia – manchete da *CNBC* de 27 de janeiro de 2023 – os tanques ocidentais podem mudar as regras do jogo no conflito.” Como vimos e reiteramos muitas vezes, não existem armas “mágicas” ou milagrosas, muito menos em um conflito moderno que precisa ser contado através de uma análise cuidadosa e não de “narrativas” baseadas na emoção.

OPINIÃO DE ESPECIALISTAS RESPEITÁVEIS

Senhoras e senhores! O major-general ancião Gerd Schultze-Rhonhof, aposentado da Bundeswehr, alerta nas redes sociais: “*Não servi como soldado durante 37 anos para manter a Alemanha em paz, para agora observar, sem comentários ou ações, enquanto a Alemanha avança lentamente, mas provavelmente, no sentido de uma participação ativa em uma guerra estrangeira e sem sentido. Nossos ‘Três Reis’, o Sr.*

Chanceler Federal Scholz, o Sr. Ministro Lindner e o Sr. Ministro Dr. Habeck, na sua juventude, inicialmente rejeitaram o serviço militar pelos direitos e pela liberdade da Alemanha e pela preservação de nossa democracia. Gastam agora bem mais de 10 bilhões de euros em dinheiro de impostos por ano em 'lei', 'liberdade', 'democracia' e 'valores ocidentais', em um Estado estrangeiro que não é uma democracia e nem representa os valores ocidentais. Estão usando o dinheiro de nossos impostos e o sangue de recrutas estrangeiros para prolongar uma guerra que se tornou inútil."

Se alguém entende de guerra e destruição, são os (sérios) especialistas militares, e este é o caso deste general. E se alguém sabe como são as escaladas militares, também. E quando alguém assim adverte contra a continuação de uma guerra, geralmente está certo. Mesmo que os líderes políticos ocidentais, em sua bolha de fantasias, como se fosse um excesso, não quiserem admitir isso. O caso está posto e o major-general reformado Gerd Schultze-Rhonhof nos alerta urgentemente contra a continuação da guerra na Ucrânia porque, de acordo com sua análise, irão acontecer mais do que coisas catastróficas, e não apenas na Ucrânia.

Publicado em [La Prensa](#).

****Gabriel Camilli** é coronel-major da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
